

29-07-2020

## Cloroquina: o mito do mito

**Diego de Oliveira Souza**

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/  
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Aracaju]

O mito consiste em narrativa fantasiosa da realidade, geralmente utilizada para contar a história dos povos sob determinados pontos de vista, enaltecendo um personagem ou, até mesmo, uma coisa qualquer.

Como toda história tem, no mínimo, dois lados, o mito pode ser um herói ou um vilão, uma coisa boa ou uma coisa ruim, depende do objetivo, depende de que lado da história você está. Aqui, trataremos da história da pandemia de Covid-19, com sua narrativa digna de uma distopia.

De tão complexa e humanamente impactante, essa história já tem os seus mitos, ainda que seja recente. Além disso, essa história também é um pouco curiosa, porque vem de uma doença capaz de parar e ameaçar o mundo (ou grande parte dele), mas que no Brasil se particularizou por gerar um novo mito, em uma tentativa desesperada de perpetuar uma narrativa anterior, um pouco mais antiga, do mito messiás do Brasil. Criou-se, assim, o mito do mito.

Vamos explicar.. O mito mais antigo foi assim designado pelos próprios brasileiros. Não por todos, mas por aqueles que viram em Bolsonaro (o mito) o respaldo tão esperado para as suas ações e ideias classistas, machistas, homofóbicas, racistas, armamentistas etc. Talvez ainda haja alguns brasileiros que caíram no mito do estadista moralista, messiás da política brasileira, por outras razões. Ora, todo mito, para se perpetuar, precisa ter os que, intencionalmente, usam-no a seu favor, mesmo sabendo que é tudo uma farsa, mas também aqueles que desconhecem a história e, por ingenuidade ou por condições subjetivas limitantes, dão vazão e razão ao mito. É esse lastro social que permite que o mito, mesmo sendo mito, provoque efeitos reais. No caso de Bolsonaro, alguns desses efeitos têm sido a asfixia financeira das universidades, o desmonte do SUS, a desregulamentação ambiental com avanço da destruição da Amazônia, a intensificação da flexibilização/precarização trabalhista, as inúmeras mudanças de ministros e outros cargos do governo, a explícita falta de planejamento em todas as pastas, os conflitos desrespeitosos com os Poderes Judiciário e Legislativo, as tentativas de interferir na Política Federal e uma série de ações que se acumulam e criam um clima de tensão e caos constante.

Mas nada se compara com a forma irresponsável pela qual a pandemia de Covid-19 (não) está sendo enfrentada pelo presidente. A negação da importância do distanciamento social, inclusive com Bolsonaro dando inúmeros exemplos de como se expor e expor os outros à doença, certamente contribuiu para que os defensores do mito fizessem o mesmo, disseminando o vírus rapidamente. O resultado tem sido um verdadeiro genocídio, uma vez que o Brasil fecha o mês de julho se aproximando das 90 mil mortes ([veja situation report 189 da OMS](#)). No início da pandemia, com o avanço de casos e mortes por Covid-19, a imagem do mito até chegou a balançar entre segmentos de seus defensores e, diante disso, o messias precisou dar uma resposta.

Para tal, a estratégia utilizada no equacionamento dessa possível repercussão negativa não poderia vir de outro lugar senão de uma nova manipulação da realidade, ou seja, criando-se o mito da cloroquina. Mesmo sem ter evidência científica da eficácia desse remédio, Bolsonaro e seus seguidores canalizaram suas forças para a defesa do tratamento da Covid-19 com a cloroquina. O presidente foi até capaz de forçar, politicamente, o Ministério da Saúde a publicar um protocolo de tratamento oficial, utilizando tal fármaco ([veja](#)). Assim, foi sendo construída uma nova narrativa de que os inimigos do governo (que a essa altura, inclui uma grande conspiração que envolve cientistas do mundo inteiro, a OMS e presidentes de outros países) negam a eficácia da cloroquina, pois seus objetivos não são outros senão derrubar o Bolsonaro do poder e, para esse propósito, alimentam a crise sanitária-social de forma proposital. Com isso, tanto aqueles brasileiros (neo)fascistas quanto os ingênuos e subjetivamente limitados ecoaram o novo mito, sendo capazes até de fazerem reverência a ele em Brasília, promovendo-o em pouco tempo à posição de deus ([veja](#)). Nessa narrativa mítica, o genocídio não é culpa daquele que chamou a doença de gripezinha, incentivou as pessoas a irem para as ruas ou transformou o Ministério da Saúde em um saveiro ([veja](#)), mas é daqueles hereges que negam a deusa cloroquina. Parece uma espiral sem fim, de mitos em cima de mitos para justificar o injustificável.

Mas como a história tem, no mínimo, dois lados, há quem prefira continuar alimentando os mitos, ainda que isso signifique alimentar genocídios.

Cabe olharmos para a história e definir se ficaremos do lado do mito ou da realidade. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*